

A Geografia Escolar

A Geografia Escolar: práticas, encantos e preocupações...

Victor Hugo Nedel Oliveira

Resumo

Qual a relação do professor de Geografia com seus alunos? Aborda-se no decorrer do texto, alguns principais agentes que podem estar presentes e ser importantes motivadores nestas relações. Primeiramente, o interesse do aluno pela disciplina de Geografia. Segundo, a paixão que o professor tem por seu objeto de estudo e trabalho: a Geografia. Terceiro, a empatia entre professor e aluno. E quarto, a realização pessoal e profissional do professor. O texto procura desenvolver sobre como os presentes temas influenciam na prática cotidiana do professor e nas relações de ensino-aprendizado, demonstrando através das práticas, dos encantos e desencantos na profissão e das preocupações quanto à formação e o exercício profissional do Professor de Geografia.

Palavras chaves: Geografia. Ensino. Aprendizagem. Metodologia.

Resumen

¿Cuál es la relación del profesor de Geografía con sus alumnos? Se aborda en el transcurso del texto, algunos principales agentes que puedan estar presentes y ser importantes motivadores en estas relaciones. Primeramente, el interés del alumno por la disciplina de Geografía. Segundo, la pasión que el profesor tiene por su objeto de estudio de trabajo: la Geografía. Tercero, la empatía entre profesor y alumno. Y cuarto, la realización personal y profesional del profesor. El texto busca abordar cómo los presentes temas influyen en la práctica cotidiana del profesor y en las relaciones de enseñanza-aprendizaje, demostrando a través de las prácticas, los encantos y desencantos en la profesión y las preocupaciones en cuanto a la formación y el ejercicio profesional del profesor de Geografía.

Palabras Clave: geografía - enseñanza - aprendizaje - metodología.

Summary

What is the relationship between geography professors with his students? Addressed in the course of the text, some key players that may be present and important motivators in these relationships. First, the student's interest in the discipline of Geography. Second, the passion teacher with his object of study: Geography. Third, empathy between teacher and student. And fourth, the personal and professional self-fulfilment of teacher. The text seeks to address how these issues affect the daily practice of the teacher and the teaching-learning relationships, demonstrating through practice, the delights and disappointments in the profession and concerns about training and professional Geography teacher.

Keywords: geography – teaching - learning - methodology

Introdução

A educação não está fácil. Canso de escutar isto, por aonde vou. Seja na discussão acadêmica ou informal, a mídia e a realidade nos passam insegurança na educação, na escola e no professor. Os dados demonstram que é baixíssima a procura dos jovens pelas licenciaturas, uma vez que as mesmas não lhes fornecerão salários atrativos e trabalho sem preocupações ou ônus. Vejo, em meu cotidiano profissional, cada vez mais a família e a sociedade delegar à escola atribuições que me pareciam lhe incumbissem nos tempos de outrora. Evidentemente que as realidades mudaram, a sociedade mudou, o aluno mudou. Vivemos nos tempos em que praticamente tudo é instantâneo ou virtual. As relações sociais, em sua grande maioria, são desenvolvidas através das redes sociais, que cada vez mais se popularizam – e em todas as camadas sociais. O que por um lado é bom, pois favorece a troca de idéias sobre um determinado assunto, mas, por outro lado, é ruim, pois afasta o convívio social daqueles que nelas se fissuram.

É nesta trama de relações sociais que encontramos a escola. Um dos lugares nos quais ainda o aluno é obrigado a estar – nem que seja por força da Lei. E é neste ambiente que se manifestarão muitas das relações que estavam então suprimidas ao ambiente virtual. As emoções e sexualidades afloram, os conflitos surgem, as opiniões divergentes aparecem. Resta que os profissionais que ali trabalham saibam lidar, com entendimento e propriedade, as questões que se desenvolvem neste ambiente.

Quando dei o primeiro passo em direção à sala de aula, pensei e reafirmei minha escolha profissional e pessoal: ser professor. Como não faz muito tempo que tal acontecimento ocorreu, alguns questionamentos vieram com a experiência, a prática docente, e as vivências em ambientes escolares. Que tipos de alunos nós temos? E que tipo de professores? Como se dá esta relação tão importante de ser compreendida e estudada, entre as duas pontas da educação? São mesmo pontas? E a Geografia, onde fica nesse turbilhão de relações?

Não procuro aqui dar receitas de bolo ou até mesmo dizer o que é certo ou errado. Aliás, quem sou eu para fazer isso! No pouco que posso, pretendo abrir

a janela dos horizontes dos colegas e futuros colegas, professores e professoras de Geografia. Procuo relatar e discutir um pouco do que já observei, vivenciei e pratiquei, aprendendo e errando em sala de aula e em ambientes escolares, colaborando no processo de formação profissional e continuada dos professores.

De onde falo e por que falo

Na fase final de minha graduação, e já com dois anos de experiência como professor da educação básica, alguns questionamentos me vêm à mente e requerem que sejam discutidos e socializados. Só quem está a um passo de entrar pela primeira vez em uma sala de aula, como professor, sabe a tamanha emoção, e ao mesmo tempo responsabilidade que se estabelece neste ato. Questiono-me se muitos colegas ainda sentem, passados alguns anos desta “primeira vez”, a mesma emoção que sentiram no início de suas carreiras.

Observando aulas de Geografia do ensino básico, no decorrer do curso de graduação de Licenciatura em Geografia, pude observar, em diferentes realidades, como se dá a relação professor-aluno nas aulas de geografia. As aulas aqui referidas foram observadas em escolas de ensino fundamental e médio, públicas e privadas, de centro e de periferia, no município de Porto Alegre. Longe da análise combinatória, mas só nesta última frase já temos, no mínimo, oito combinações de diferentes realidades. E não para por aí. Observei também, muitas aulas de colegas em final de curso, nas disciplinas preparatórias à docência - este, um capítulo que merece cuidado e atenção. Das minhas aulas então, neste curto período de tempo, já daria um livro, com relatos de sucessos e fracassos, pois a velha máxima, sem dúvidas está presente na sala de aula, ainda mais no início de uma carreira: é errando que se aprende. Pois, não se torna professor da noite para o dia! Ser professor é construção, diariamente. Um curso superior te ensina parâmetros e te instrumentaliza para a docência de uma ciência (Geografia, no caso). Para o trabalho diário precisamos ter “algo a mais”, querer fazer acontecer (Oliveira, 2011: 11).

Nesta perspectiva, alguns fatores são importantes para identificarmos as principais características destas relações encontradas na escola: o interesse do aluno pela disciplina; a paixão do professor para com a disciplina; a empatia entre professor-aluno; e a realização pessoal e profissional do professor. A seguir, relato algumas das experiências encontradas nos pontos elencados anteriormente.

Direto aos pontos

- *Ponto Um:* O interesse que parte do aluno, na disciplina da geografia, pode ser pelo encantamento que os conteúdos propiciam, por afinidade e facilidade em aprender a matéria, etc. Mas não é isso que vai fazer com que este aluno seja o aluno muitas vezes idealizado pelos professores: aquele não gera transtornos, que fica quieto, que gabarita todas as provas.

Muitas vezes, no âmbito da discussão do ensino, não nos damos por conta que a sociedade mudou, e mudou muito. Várias instituições mudaram sua logística, seu método, suas funções. Imagine-se em um banco, há 15 anos. Longas filas tomavam conta dos caixas (seres humanos, operadores de caixa), que em meio ao barulho dos bater dos carimbos e das máquinas impressoras de fita, compensavam cheques e autenticavam o pagamento de contas. Agora, imagine-se hoje em um banco. Filas? Só para resolver problemas que as máquinas não resolvem. Caixas eletrônicos, internet banking, esses dias fiquei sabendo que até no celular você pode pagar contas.

Este exemplo não significa dizer que eu quero que robôs e máquinas venham dar aula agora. Mas é para pensar e refletir como as instituições mudaram. E a escola, neste período, pouco mudou. Mas os alunos mudaram. Enquanto lá fora dos muros da escola eles utilizam duas mãos para digitar nas salas de bate papo, nós, aqui dentro, queremos que eles utilizem apenas uma mão, para escrever e escrever até cansarem. Enquanto lá fora o mundo da competição faz com que eles sentem-se em círculo, olhando uns para os outros, em um processo seletivo de uma empresa, nós, aqui dentro, fazemos com que sentem um atrás dos outros, em filas e colunas, obedecendo a uma regra cartesiana, ordenada... Herança do positivismo.

Mas e a Geografia? Lembro-me, ao entrevistar um aluno, em uma das observações, que ao perguntar sobre o que lhe vinha a mente ao pensar em Geografia, o mesmo respondeu-me: *“ah, tem o relevo, os mapas (que tem que pintar o mar de azul, só pode ser azul), os países e continentes...”*

Mas é essa a Geografia que nossos alunos conhecem? É essa Geografia que lhes atrai? Certamente atrairá muito mais aos nossos alunos a Geografia que parte do cotidiano. Muitas vezes, cotidiano doloroso, como tenho observado em uma das escolas que trabalho, numa região de extrema vulnerabilidade social de Porto Alegre, e altamente perigosa, pois encontra-se em zona de intenso tráfico de drogas.

Lembro-me da reação dos meus alunos da sexta série, quando fizemos uma saída de campo, rápida, de uma manhã, pelo centro de Porto Alegre. Para minha surpresa (e preocupação) muitos não tinham saído do bairro em que moram. O registro ficará para sempre em minha memória, quando vi a reação esboçada nos rostinhos deles ao conhecer a Prefeitura Municipal, o Mercado Público, e a Praça da Matriz. Lembro-me claramente da reação de espanto e ao mesmo tempo de surpresa, quando ingressamos na Catedral Metropolitana de Porto Alegre, quando alguns alunos, literalmente de boca aberta, me disseram: *“é grande né, sor?!”*. Talvez essa Geografia atrairá muito mais nossos alunos. Partindo desta realidade, do lugar, podemos construir, com muito mais facilidade, as relações requeridas nos conteúdos programáticos da Geografia.

- *Ponto Dois:* O professor também, muitas vezes, é um apaixonado pela disciplina. Afinal, somos suspeitos para falar de Educação e/ou Geografia,

não é mesmo? Entretanto, em alguns casos, o professor não possui as condições mínimas para enfrentar a sala de aula, sejam pessoais ou profissionais.

Já vi colegas, em início de carreira, inclusive, perdendo totalmente o ânimo em entrar em sala de aula, a ponto de ouvir várias vezes: “*ah, lá vou eu, agüentar o inferno da sexta série*”. Tudo bem que ensino fundamental é uma fase difícil, mudanças hormonais, etc. Mas, é preciso que o profissional em formação esteja consciente de que realidade irá encontrar em seu cotidiano profissional. Já pensou se o estudante de medicina não tivesse contato com pacientes durante sua graduação? É preciso que os futuros professores tenham mais contato com alunos e professores, desde o início de sua graduação. Claro que as realidades são diferentes, mas os jovens, nem tanto. Muda o perfil socioeconômico, por exemplo, mas a juventude, os anseios e as crises, são muito semelhantes.

Já vi colegas surtarem em sala de aula, há ponto de falarem palavrões de todos os níveis. Sem comentários. Tudo bem que nem todos estejam num dia bom, mas penso que os alunos não devem ser nossos pinicos, nos quais despejamos tudo aquilo que para nós é excremento.

Agora, há sim aqueles casos em que vemos claramente os que estampam em seus olhares e atitudes o amor que sentem pela Educação e pela Geografia. Tive a oportunidade de conhecer no Encontro Nacional de Geógrafos, em 2010, em Porto Alegre, uma professora de 72 anos que deu um depoimento, no Grupo de Trabalho o qual eu estava, que emocionou todos os integrantes quando ficaram no maior silêncio e atenção para ouvir o que aquela “voz da experiência” haveria para falar.

A professora relatou que foi muito difícil se encontrar no início de sua carreira. Mas que o passar do tempo lhe deu amadurecimento para discernir e definir sua profissão. Ainda falou que a Geografia lhe possibilitou dar aulas nunca antes imaginadas e concebidas em sua época de formação, certamente por estarem em outros tempos de educação e de Geografias. Ao ouvir todo o depoimento da professora, totalmente emocionado, senti que estou na profissão certa, fazendo aquilo que gosto e amo.

- *Ponto Três*: A empatia professor-aluno também é algo muito importante a ser destacado, uma vez que há profissionais que conseguem captar a atenção do aluno pelos seus jeitos/afetos, muitas vezes mesmo o aluno achando a disciplina chata e enfadonha. E isso não é tão distante da Geografia. Para alguns alunos, a Geografia não representa a disciplina de maior interesse, dentre os demais componentes curriculares. Não se pode agradar a todos, mas se pode fazer com que esta Geografia se torne mais próxima ao aluno, e, ao mínimo, facilitar o entendimento desta ciência.

Cito estes elementos para efetuar reflexão daquilo já citado outrora por meu orientador, Kaercher (2007), ao falar sobre a “*Geografia do pastel*”

de vento”. A Geografia, apesar da bela aparência, muitas vezes lhe falta substância, poder analítico e reflexivo. E é o que ocorre muitas vezes em nossas aulas de Geografia: o professor, apaixonado pela disciplina, com um bom relacionamento com os alunos, não efetua as análises tão ricas e profundas que a Geografia nos permite realizar frente a um fato do cotidiano ou mesmo do currículo. Adianta apenas ter tesão por uma disciplina, dizer que é apaixonado pela Geografia, se, em nossas aulas, somos meros repetidores-robôs daquilo que terceiros (muitas vezes nem geógrafos) escreveram em livros didáticos? Claro que não. Tornamo-nos, assim, os pastéis, não somente os de geografia, mas de outras disciplinas também, que ficam repetindo e repetindo conteúdos sem exercitar o magnífico poder de análise, de reflexão e de discussão dos fatos com os alunos.

Menos Victor, menos. As turmas estão complicadas. Disso eu sei! Há dois anos lecionando em escolas públicas, já pude perceber o quão tensa está a situação da educação na atualidade. Mas ainda penso que há soluções para reverter este quadro, muitas vezes doloroso e deprimente, ao conversar com colegas em realidades bem piores do que as nossas. Já que não somos deuses e não temos o poder de mudar a humanidade, do dia para a noite, em todos os sentidos, comecemos por nós mesmos, em nossas aulas, em nossa disciplina. É preciso “seduzir nossos alunos, para que eles pensem que a Geografia seja merecida de estar no currículo” (KAERCHER, 2011). Trabalho difícil, mas não impossível.

- *Ponto Quatro*: Por fim e não menos importante, a realização pessoal e profissional do professor, que, entre os mares e ventos que a educação navega na atualidade, encontra na sala de aula uma parte importante da sua vida, do seu viver.

Entretanto, pude perceber nos cursos, palestras e seminários que já participei, que alguns professores não possuem as bases necessárias para um bom rendimento em sala de aula, sejam por uma formação deficitária, por falta de interesse em atualização profissional ou por motivos das ordens mais diversas imagináveis possíveis. Mas uma palavra urge que seja dita, principalmente na atualidade cibernética que vivemos: formação continuada! A enorme quantidade de cursos de formação continuada para professores, tanto presenciais como em modalidade EAD é um grande facilitador das bases de conteúdos que nossos professores precisam para sua atualização profissional. Somente sabendo, e sabendo bem a Geografia é que poderemos ter este poder sedutor, para afirmar nossa importância curricular.

O aluno é parte integrante e alvo principal do processo de aprendizagem. Professor e conteúdos são agentes instrumentalizadores que colaboram

neste processo. A boa relação professor-aluno acarreta na abertura de um canal de facilidades, para um bom desenvolvimento do trabalho cognitivo-comportamental. E isto está profundamente interligado à realização do professor, enquanto profissional e enquanto pessoa.

Escrevi, em outro artigo, que ser professor é uma missão. Quando expus isso, no grupo de trabalho que participei no Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, em 2011, em Goiânia, muitos dos colegas questionaram-me se eu não estaria confundindo profissão com vocação. Para mim está bem claro que ser professor é um ato de escolha, assim como um engenheiro escolhe ser engenheiro, um médico escolhe ser médico, e assim por diante. Não imagino um engenheiro que não goste ou não tenha a mínima afinidade com a matemática e os inúmeros cálculos necessários para sua profissão, por exemplo. Da mesma forma que não imagino um professor que não saiba relacionar-se com pessoas, que não saiba estabelecer e respeitar limites, que não saiba entender que o aluno também sofre e passa por dificuldades.

Assim, a profissão professor requer que sejamos diferentes, especiais. Este fator “algo a mais” é construído diariamente. Não se aprende nem se compra. Constrói-se, se aprende nas vivências. Mas não por isto que não tenhamos que lutar por salários mais justos, melhores condições de trabalho, na busca de uma realidade necessária à educação brasileira. Ser realizado profissional e pessoalmente, nesta perspectiva, são bricolagens, para além de discursos acadêmicos. É a vida de milhares de professores brasileiros que, amando o que fazem, esperam pelo dia em que serão reconhecidos como verdadeiros profissionais.

¿E a academia?

Capítulo importante este, como já havia dito. Talvez o que esteja mais próximo da realidade no Neo-Professor. Para além das discussões – importantes, dos currículos dos cursos superiores de formação de professores em Geografia, quero ressaltar aqui algo daquilo que observei, em colegas meus, ao darem suas primeiras aulas, ainda experimentais, nas disciplinas preparatórias à docência em Geografia.

Antes de chegar nestas disciplinas, o aluno de graduação já vem com uma bagagem de pelo menos três anos de curso, com disciplinas técnicas da Geografia e disciplinas gerais da educação. Ocorre que, mesmo contagiados pelo nervosismo da avaliação de sua aula ou simplesmente do fato de ser uma primeira aula, muitos demonstraram que o déficit está na Geografia. Explico. Não é uma questão se o licenciando sabe ou não “dar aula”. Por sinal não gosto desta expressão. Quem dá aula, dá prova, dá trabalho é filantrópico demais (Grossi, 1993). Mas voltando, ocorre que alguns dos colegas não sabiam a Geografia!

Não ter o traquejo de sala de aula é uma coisa. Em boa parte deste escrito utilizei a palavra construção, em relação à prática do professor e a sala de aula. Pois bem, tal traquejo de sala de aula nós construímos, muitas

vezes aprendemos na prática, uns mais rápido outros com mais tempo. Mas erros gravíssimos conceituais não se podem admitir de alunos do terceiro ou quarto ano de graduação. Cabe ressaltar aqui que não foram muitos os casos relacionados a este problema, mas os que ocorreram foram impressionantes, a ponto de eu ouvir que o eixo de inclinação da Terra era de 66° Celsius! Assim não pode, assim não dá!

Meu espanto e indignação se dão por dois motivos. O primeiro é que este graduando é aprovado em disciplinas que exigem o mínimo deste preparo técnico dos alunos, como as disciplinas elementares e básicas do início da graduação. O segundo, mais preocupante, é que estes serão os futuros professores de Geografia do ensino básico. Que Geografia será aprendida? Repito: são casos isolados, poucos, mas que preocupam.

Quem é o bom professor?

Ao continuar estes apontamentos, debruço-me sobre uma discussão importante: quem é o bom professor de Geografia? Em que pressupostos teóricos e metodológicos este professor pauta sua prática cotidiana? Esta discussão já foi travada por outros geógrafos professores, quando do estabelecimento de mesa redonda, no X Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, realizado em 2010, em Porto Alegre. A referida mesa intitulou-se *Quais saberes constituem um bom professor de Geografia?* e os debatedores entenderam que a palavra bom não seria a mais adequada para o debate, uma vez que a mesma “pode dar um tom demasiado prescritivo às falas dos referidos professores” (Kaercher, 2011: 205).

Neste sentido, proponho aqui problematizar o que seria este bom professor, não só de Geografia, mas também dela. Para Cury (2003) não basta ser bom, há que ser fascinante. Há que deixar marcas e lembranças positivas em nossos alunos. Sim, eu sei que em meio ao excesso de carga de trabalho – sei de muitos colegas que passam das 60 horas semanais, dividindo-se em três ou mais empregos, para garantir um mínimo de renda para ter um padrão mínimo de vida e sustentar suas famílias – não há como preparar aulas magníficas. Ai já encontramos uma primeira falha estrutural: o baixíssimo salário dos professores. Como então ser um professor fascinante se você não recebe dignamente? Há a grande ala amorosa da educação que irá dizer: ser professor é uma missão! E não nego que sim. Já escrevi sobre isso e comungo deste pensamento. Ser professor é uma missão, mas por ser tão nobre assim quanto outras ciências também o são, o professor deve ser bem remunerado, para que este sujeito encontre também em seus proventos, mais ânimo para desenvolver com maior força o seu trabalho. É difícil, mas não impossível.

Duas pautas importantes: conhecer o funcionamento da mente e educar a emoção nas aulas de Geografia

1. Conhecer o funcionamento da mente

A mente humana é algo incrível. Temos a capacidade de viajar no tempo e no espaço sem sair do lugar em que estamos. Há os que dizem que aquilo que nos diferencia dos demais animais é a capacidade de raciocínio. E esta discussão é geográfica também. Aliás, atualmente, consigo enxergar Geografia em tudo. Esta é a discussão de que natureza fazemos parte. A primeira, intocada, a animal, instintiva? Ou a segunda, terceira, quarta... a transformada, a modificada? A qual natureza pertencemos, afinal? O ser humano, por si só, já é um *complexus*, e a mente humana é este instrumento que para além de manter nossas funções vitais, realiza o ato magnífico do pensamento: *cogito, ergo sum*¹.

Nosso aluno também pensa. Por incrível que pareça observo em meu cotidiano profissional comentários os quais me levam a pensar que alguns de meus colegas não vêem o aluno como um ser complexo, com necessidades, mas o vêem como apenas mais um, que passa a fazer parte de uma lista interminável de empecilhos para que possa desenvolver uma boa aula. Já escutei frases do tipo: *aquela turma, só matando*. Ou ainda: *alguém consegue dar aula naquela turma? São uns bichos, uns animais*². Espanta-me, cada vez mais, o desgosto e o desprestígio que percebo nos colegas pelo ato docente. É claro que as nossas realidades não são das melhores, mas muito do que vejo e escuto, desde conversas na sala dos professores até atitudes com alunos, demonstram que estamos cansados enquanto educadores e pior, não conhecemos nossos alunos.

Quero enfatizar também a importância que existe em saber diferenciar informação e conhecimento. Embora pareçam sinônimos, não o são:

“Os professores fascinantes transformam a informação em conhecimento e o conhecimento em experiência. Sabem que apenas a experiência é registrada de maneira privilegiada nos solos da memória, e somente ela cria avenidas na memória, capazes de transformar a personalidade” (Cury, 2003: 57).

O que é informação e o que é conhecimento, para a Geografia? Poderia dizer que uma informação é que a China possui mais de um bilhão de habitantes. Pronto, assim o aluno tem um número e um local. Mas somente isto é Geografia? Não. Conforme Costella *“esse ‘ensinar’ não faz sentido, não tem razão de ser enquanto processo dinâmico, estruturado sobre um desafio”*

¹ Não quero aqui, caro leitor, efetuar uma discussão filosófica do pensamento humano. Minha intenção é ilustrar, com a famosa frase de Descartes, como o ser humano, em sua complexidade, realiza o ato de pensar, e, a partir deste pensamento, infere ações sob a dicotômica relação natureza-sociedade.

² Trago aqui algumas falas de conversas verídicas as quais venho presenciando na sala dos professores, nos corredores, no ambiente escolar. São relatos chocantes, da mais pura realidade escolar. Não as trago aqui para chocar ou desanimar o leitor. Pelo contrário. Quero que, a partir destas falas, o leitor possa compreender como se encontra a realidade educacional, e assim lutar para mudá-la.

(2011: 110). Para que este número e este local façam sentido é necessário que eles sejam transformados em conhecimento. Aí entra uma estratégia muito importante e às vezes pouco utilizada nas aulas de Geografia: as relações do local com o global. Muito interessante seria iniciar uma discussão sobre a China, questionando o aluno sobre a origem de seu tênis de marca (mesmo que este seja falsificado). Saber identificar no lugar do aluno, em seu cotidiano, elementos que o coloquem em uma escala superior a sua, dentro desta relação local-global colabora para que o conhecimento transforme-se em experiência, e, assim, seja compreendido pelos alunos.

Ainda nesta temática da China (ou qualquer outro conteúdo, utilizei a China como mero exemplo), podemos destacar a Geografia do Cheiro, já enunciada por Costella (2009: 97), em sua Tese de Doutorado, na qual explicita que as sensações também contribuem para o aprendizado geográfico. Neste sentido, “*cheirar*” um país é perceber aquilo que se sente quando se circula, imaginativamente, pelo país que está em questão. Assim, muito poderia ser destacado, para que o professor possa efetivamente conhecer a mente do seu aluno.

Na tamanha velocidade e rapidez que ocorrem os fenômenos do cotidiano, não damos por conta de algo que afeta em muito nosso cotidiano escolar. Cury chamará de SPA – Síndrome do Pensamento Acelerado³. Esta síndrome que afeta grande parte de nossos alunos é gerada por três elementos fundamentais: a televisão, com sua quantidade absurda de imagens; a quantidade cada vez maior de informação disponível em todos os meios; e a sociedade do consumo/estética na qual vivemos hoje, em que a cada dia se editam novos padrões de consumo e de beleza, seguidos pelos nossos jovens.

É triste afirmar isso, mas muitos de nossos alunos são portadores desta síndrome. E não podemos negar isto. Se formos calcular a quantidade de horas que nossos alunos passam assistindo televisão ou utilizando a *internet*, certamente será muito superior à quantidade de horas que eles passam na escola. Como então que a escola irá competir com algo tão prazeroso? O que a escola tem a oferecer de melhor? É fato que o aluno encontra todos os conteúdos que aprende na escola em apenas um *click*. Mas então que deve fazer o professor, mediante tamanha impotência metodológica? Saber utilizar-se daquilo que os jovens gostam e usam é uma resposta. Há tempos já constatei isto: não adianta comprar discussões com os alunos. O melhor que há que se fazer é entender o aluno e “abraçá-lo”, fazendo-o com que ele sinta segurança no professor, fazendo-o entender que o professor não está ali unicamente para repreendê-lo, mas também – e principalmente para compreendê-lo.

A *internet* e a televisão são um prato cheio para as aulas de Geografia. É um desafio interessante, saber filtrar, junto com os alunos, as informações geográficas que ali aparecem. Um dia propus este tema para os alunos de uma oitava série: verifiquem e anotem todas as notícias que vocês considerarem

³ Aqui demonstro rapidamente alguns aspectos desta Síndrome evidenciada por Cury. Sugiro, principalmente ao leitor-professor, que procure a obra original. Este é um verdadeiro “*achado*” para a educação. Explica muito daquilo que não entendemos das reações e comportamentos de nossos alunos em sala de aula.

geográficas, no Jornal Nacional de hoje. Na aula seguinte, a discussão foi tamanha que praticamente todas as notícias envolviam geografia – e isso na percepção dos alunos. Assim, cabe a nós nos propormos desafios, frente à realidade que se encontra e se reedita cotidianamente, com o intuito de aproximar aquilo que o aluno gosta àquilo que a realidade escolar oferece, e muitas vezes o aluno não gosta. Conhecer a mente humana não é tarefa fácil. Existem várias ciências que se dedicam exclusivamente a este estudo. Entendo que o professor deve ter as mínimas bases deste entendimento, uma vez que seu foco de trabalho é múltiplo, envolvendo não somente sua disciplina, mas tudo aquilo que faz parte da instituição escola. Assim, *“para ser um professor fascinante é preciso conhecer a alma humana para descobrir ferramentas pedagógicas capazes de transformar a sala de casa e a sala de aula num oásis, e não numa fonte de estresse”* (Cury, 2003: 62).

Transformar a sala de aula num oásis. Está louco, Victor? Não. Apenas sou otimista. O estudo e a pesquisa sobre nossos alunos devem fazer parte da rotina de trabalho do professor. É uma oportunidade de conhecê-los melhor e assim desenvolver um melhor trabalho. Conforme Marques (2007), *apud* Costella (2011) *“é por tudo isso que o professor precisa ser um pesquisador. Precisa ser um pesquisador do pensamento do seu aluno”*.

2. Possuir sensibilidade/ Educar a emoção

“Um pedido aos professores fascinantes: por favor, tenham paciência com seus alunos. Eles não têm culpa de dessa agressividade, alienação e agitação em sala de aula” (Cury, 2003: 63).

Tendo por base os pressupostos da Síndrome do Pensamento Acelerado, consegui entender o que quis dizer o autor quando afirma este trecho acima. É claro que não somos sacos de pancada. Caso fossemos, seríamos masoquistas, por gostar de sofrer. Ocorre que é justamente isso que acontece com muitos professores: acabam sofrendo em sala de aula, quando deveriam sentir prazer por estar neste ambiente.

Quem sabe pensamos um pouco em nós, professores. Em meio a trinta alunos em uma sala de aula, ambos adolescentes, com suas mentes em formação, com cargas hormonais sendo despejadas diariamente, com famílias muitas vezes desestruturadas, em quem será que eles tomarão por exemplos? Acredito que a figura mais próxima deles, logo depois da família, é o corpo de professores de uma escola. E como estamos dando este exemplo? Já cansei de presenciar cenas nas quais vi colegas gritando e escarnando os alunos, quando estes muitas vezes nem o fizeram nada.⁴ É preciso possuir sensibilidade para que nossos alunos enxerguem em nós esta sensibilidade e assim, nos tomem como exemplos, para serem mais cordiais e menos agressivos.

⁴ Não quero me tomar como exemplo de *“professor fascinante”*, até porque todos têm seus dias de estresse. Ocorre que aquilo que cito aqui, ultrapassa os limites básicos da civilidade e cordialidade humana.

Realmente, quando afirmo que na *internet* o aluno acessa todo o conteúdo que temos em nossos programas de ensino é a mais pura verdade que se professa. Entretanto, *“os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos”* (Cury, 2003: 65).

Por favor, não me entendam mal. Estou afirmando que sentimentos não podem ser ensinados por máquinas. Em momento algum desprestigio nossas ciências. Afirmo sim que podemos ensiná-las melhor, se usarmos do sentimento de amor que temos por ela. Neste sentido, ao falar de nossos sentimentos pela ciência, *“não basta saber geografia para ensiná-la nos Ensinos Fundamental e Médio. Nesse caso a geografia é apenas a matéria-prima. O saber obtido no Ensino Superior não garante uma comunicação efetiva e afetiva com nossos alunos. Em outras palavras: se eu ensino, não significa que meu aluno aprende”* (Kaercher, 2002: 50).

E como educamos a emoção geográfica de nossos alunos? Estimulamos a pensar com sensibilidade e emoção o espaço que habitam? Gosto muito de conversar com meus alunos sobre trajetos de ônibus. Como eles percebem o espaço geográfico nos trajetos casa-escola; ou casa-casa de amigos, parentes; ou ainda *casa-shopping*. Cada ser humano é repleto de sentimentos e muitas vezes não damos espaço para que estes sentimentos sejam realmente sentidos por nossos alunos.

Algumas reflexões para o futuro

Para nós, que estamos em início de carreira, e ensejo eu que seja frutuosa e duradoura, pude constatar e perceber que se constrói a identidade profissional no dia a dia, na vivência/convivência, nos afetos/desafetos com alunos, colegas, direções, etc. Querer fazer acontecer, principalmente sob a ótica da relação professor-aluno é algo que parte do interior de cada um. Menos novamente, Víctor, bem menos. Mas para além das melancolias deste que agora escreve, em fase de mil amores pela educação, sabemos que a rotina, os problemas pessoais, a falta de tempo para o lazer e para a família, são agentes que não nos deixam estar todos os dias com um sorriso estampado de ponta a ponta, em sala de aula. E os alunos percebem isto, nitidamente. Eles são muito observadores. Ao me colocar no papel de observador, puder perceber as conversas, os comentários que vão desde se a roupa do professor está nos parâmetros da moda atual até se ele falou em tom de rigidez ou de deboche. É preciso atenção ao que se diz em sala de aula. Às vezes, o que falamos mexe com os alunos, e mobiliza nossa estrutura relacional com eles.

Em ritmo de finalização, mas com vontade de escrever muito mais sobre este tema que desperta curiosidades e anseios em nossa prática pedagógica, deixo um recado aos *“novos professores”* / *“professores novos”* que assim como eu estão saindo dos fornos das Universidades, direto para os caldeirões das salas de aula:

- Ensinemos sobre o espaço. Ensinemos sobre o espaço que cada aluno tem direito de ocupar no mundo, embora, muitas vezes este aluno não saiba nem quantos quilômetros têm a circunferência deste mundo. Ensinemos sobre os diferentes espaços que não os de diária circulação dos nossos alunos. Ensinemos que na cidade mesmo onde eles habitam encontram-se paisagens tão diferentes quanto àquelas dos livros didáticos, que os alunos pensam que nunca terão direito de ver em suas vidas. Ensinemos que aqui é Brasil e lá é EUA, mas ensinemos que, embora muitas vezes este aluno nem saia do seu próprio Estado, ele saiba reconhecer que o tênis (falsificado ou não) que ele usa, foi fabricado em um país onde crianças como ele sofrem do trabalho quase que escravo. Ensinemos... Ensinemos mas, sobretudo aprendamos com nossos alunos. Aprendamos que existem famílias desestruturadas, muitas delas sem vínculo nenhum de afeto e o simples “boa tarde” que o professor oferece aos seus alunos já faz os olhinhos deles brilharem. Aprendamos que os alunos confiam na gente e sempre esperam da gente o melhor. Demos, então, o melhor para nossos alunos, a começar com nossos relacionamentos, com nossas aulas, com nossos conhecimentos, com nossa Geografia. Ensinamos e aprendamos cada dia mais sobre os espaços, sobre os espaços dos alunos, dos professores, da sociedade... Sobre o espaço da Geografia.

Referências

Costella, R. Z. (2009). *O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais*. Tese. Doutorado em Geografia. Instituto de Geociências. Porto Alegre: UFRGS.

Costella, R. Z.; Rego, N. (2011). Em que momento um aluno aprende geografia. Rego, N. et al., *Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio*, 2. Porto Alegre: Penso.

Cury, A. J. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante.

Grossi, E. P (1993). Avaliação, terrível prática escolar: abolimos ou recriamos? *Revista do GEEMPA*, 1. Porto Alegre. P. 93 – 103.

Kaercher, N. A. (2002). A Geografia Crítica. Alguns obstáculos e questões a enfrentar no ensino-aprendizagem de Geografia. *Boletim Gaúcho de Geografia*. AGB. Porto Alegre. 28 (1), 45-65.

___ (2007). A geografia escolar: gigante de pés de barro comendo pastel de vento num fast food? *Terra Livre. Presidente Prudente*. Ano 23, 1 (28), 27-44.

(2011). Das coisas sem Rosa uma delas é o Pessoa: as geografias do Manoel e do Nestor na busca do bom professor. Tonini, I. M. et al., *O ensino de Geografia e suas composições curriculares*. Porto Alegre: UFRGS.

Oliveira, V. H. N. (2011). Registros e reflexões sobre a identidade do professor de Geografia. *Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia*. Anais. Goiânia: UFG.